

Propostas de redação

Professora Celina Gil

Sumário

<i>Apresentação</i>	3
<i>Proposta 1</i>	3
<i>Proposta 2</i>	5
<i>Proposta 3</i>	7
<i>Proposta 4</i>	9
<i>Proposta 5</i>	13
<i>Considerações finais</i>	16



Apresentação

Olá!

Na aula de hoje você verá algumas propostas de redação de temas contemporâneos. Use esse material para praticar para sua prova, treinando principalmente **seu tempo de escrita**. Busque não levar mais do que **1h** para produzir seu texto.

Se você é nosso aluno, não esqueça de encaminhar seu texto para nosso e-mail redacao@estrategiamilitares.com.br para ter sua redação corrigida!

Vamos lá?

Proposta 1

Em agosto de 2019, um fenômeno combinando uma frente fria vinda do litoral, nuvens carregadas e uma névoa de partículas de detritos em suspensão, cobriu o céu de São Paulo. Isso fez com que a luz do Sol ficasse bloqueada. Essa névoa teria sido originada por queimadas intensas na região amazônica. Apesar de não serem práticas recentes – as queimadas na Amazônia são uma realidade há muitos anos – nunca antes suas consequências haviam sido sentidas tão de perto pelos grandes centros urbanos. O Brasil tem investido em um equilíbrio entre meio ambiente e mercado. Um exemplo disso foi a extinção das queimadas nas plantações de cana-de-açúcar no estado de São Paulo, promovendo um impacto social muito positivo nas regiões vizinhas às plantações. A repercussão mundial desse dia em que a Amazônia ficou “em chamas”, porém, levantou questionamentos sobre a postura do Brasil diante do meio ambiente.

Texto 1

Por muito tempo acreditou-se que a deterioração dos recursos naturais era um subproduto aceitável do crescimento econômico, entretanto, economistas especializados no tema demonstram em estudos recentes que é possível conciliar ganhos triplos com uma política econômica bem direcionada; a preservação do meio ambiente, crescimento econômico sustentado e geração de empregos decentes.



O Brasil obteria ainda um ganho extra: a redução da desigualdade regional, uma vez que muitas das atividades com impacto ambiental positivo levariam dinamismo econômico a regiões historicamente periféricas. Como o desenvolvimento de projetos de energia solar na Região Nordeste, área com alta incidência de luminosidade, ou o aperfeiçoamento do ecoturismo na Região Norte.

Organismos como a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) realizam estudos na área de Economia Verde, aquela parte da Ciência Econômica que incorpora a variável ambiental em suas teorias. E concluem que uma transição para um padrão de produção e consumo da economia mundial que considere a preocupação com os recursos naturais, além do óbvio benefício ambiental poderia trazer outro: o econômico. Há muitos nichos de mercado inexplorados nessa área, os primeiros empresários a empreenderem, gozariam da vantagem do pioneiro obtendo retorno elevado.

Fonte: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/pautas-contemporaneas/crescimento-economico-e-preservacao-ambiental-na-agenda-do-seculo-xxi/>> Acesso em set. 2019.

Texto 2

Você já ouviu falar em *greenwashing*? Esse termo inglês pode ser traduzido para o português como lavagem verde ou pintando de verde. A definição de *greenwashing* é relativamente simples. Ele pode ser praticado por empresas e indústrias públicas ou privadas, organizações não governamentais (ONGs), governos ou políticos. Consiste na estratégia de promover discursos, anúncios, ações, documentos, propagandas e campanhas publicitárias sobre ser ambientalmente/ecologicamente correto, *green*, sustentável, verde, *eco-friendly* etc.

A intenção primordial do *greenwashing* é relacionar a imagem de quem divulga essas informações à defesa do ambiente, mas, na verdade, medidas reais que colaborem com a minimização ou solução dos problemas ambientais não são realmente adotadas e, muitas vezes, as ações tomadas geram impactos negativos ao meio ambiente. O *greenwashing* é como uma propaganda enganosa - uma imagem é passada, porém, a realidade é outra.

Fonte: <<https://www.ecycle.com.br/component/content/article/6-atitude/2094-definicao-o-que-como-traducao-greenwashing-estrategias-marketing-propaganda-consumo-produtos-servicos-atitude-apelo-ambiental-enganosa-empresas-consciencia-ambiental-casos-exemplos-cuidados.html>> Acesso em set.2019.



Texto 3

O crédito de carbono funciona assim: uma entidade paga a outra pelo direito de emitir gases que provocam o efeito estufa, como o dióxido de carbono (CO₂). O receptor desse dinheiro, em tese, o investe em fontes de energia renováveis e deixa de desmatar. Cada crédito é equivalente ao aquecimento global causado por uma tonelada métrica de CO₂.

O Brasil, que concentra um terço da área de floresta tropical do mundo, é um dos maiores receptores de recursos do crédito de carbono.

O mercado dos créditos é atraente para indústrias altamente poluentes, como companhias aéreas, e países industrializados que assinaram o acordo climático de Paris, porque as compensações podem servir como uma alternativa mais barata do que reduzir de fato o uso de combustíveis fósseis.

Fonte: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-48369790>> Acesso em set. 2019.

Proposta 2

As teorias conhecidas como negacionistas vêm ganhando adeptos em diversos lugares do mundo. Termos como “revisão histórica” e “negação à ciência” têm sido cada vez mais comuns nos textos jornalísticos e em conversas cotidianas, mostrando que, para muitos, a pesquisa acadêmica e científica já não é mais considerada de confiança. Esses novos ideais podem aparecer de diversas maneiras: o movimento antivacina, que já é considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um dos dez maiores riscos à saúde global, e a teoria do terraplanismo, que coloca em xeque conhecimentos comprovados há séculos sobre o universo, são apenas algumas das faces da disseminação de desinformação, frequentemente impulsionada pela comunicação digital.

Texto 1

De tempos em tempos, diversas pesquisas de opinião são realizadas pelo mundo para medir o quanto as pessoas acreditam no sucesso das missões Apollo. O nível de descrença varia de 6% a 57% - este último impressionante número é de levantamento divulgado ano passado pelo VTsIOM, o instituto nacional de pesquisas de opinião da Rússia, e deve refletir sobretudo os esforços de



contrapropaganda da Guerra Fria, quando a então União Soviética era rival dos Estados Unidos na chamada corrida espacial.

Levantamento semelhante realizado pelo instituto Gallup nos Estados Unidos apontou que 6% dos americanos não acreditam que o homem tenha pisado na Lua. Mas outras sondagens chegam a apontar que esse número pode ser bem maior: na casa dos 20%.

De acordo com pesquisa recente realizada pela empresa YouGov, um em cada seis britânicos acredita que a conquista da Lua foi encenada. E, entre os jovens de até 35 anos, "informados" intensamente por canais de YouTube e fóruns de internet, esse número é ainda maior: 21%.

Fonte: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/07/11/o-que-pensam-os-que-nao-acreditam-que-o-homem-chegou-12-vezes-a-lua.shtml>> Acesso em: ago.2019

Texto 2

Como Chris French explicou à BBC News, as teorias conspiratórias “são transversais em termos de classe social, gênero e idade”, e pressupõem a falácia de que os dois lados de uma disputa científica, social ou política devem ter a mesma veracidade. Se somarmos a isso que uma teoria conspiratória tem, como norma, a capacidade narrativa de criar padrões regulares, podemos compreender que sejam objeto de sedução. Nosso presente parece ter acelerado o poder das conspirações: são cada vez mais frequentes as ideias tóxicas sobre elites que controlam o mundo ou planos delirantes para a introdução de migrantes de origem muçulmana com ajudas governamentais.

Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/21/opinion/1553190541_750395.html> Acesso em: ago.2019

Texto 3

Atire os primeiros bloquinho e caneta quem nunca ouviu a frase “jornalista tem que ouvir os dois lados”. Acontece que, em ciência, as coisas podem ser um pouco mais complicadas. Ora, não há razão para entrevistar um indivíduo que acredita que a Terra é plana em toda matéria sobre o nosso planeta redondo, muito menos dar voz a alguém que não acredita em vacinas nas reportagens sobre os imunizantes. Nosso guia precisa ser a evidência científica e o que ela nos assegura (ou não) sobre determinado assunto.

Numa palestra inspiradora, a cientista Naomi Oreskes, coautora do livro *Merchants of doubt* (Mercadores da dúvida, em tradução livre), mostra como a própria indústria se aproveitou desse princípio jornalístico de isonomia para semear um ponto de interrogação na cabeça das pessoas. Isso ocorreu (e ocorre), por exemplo, em questões ligadas ao cigarro ou ao aquecimento global. Nas palavras da própria Naomi, precisamos rejeitar esse conceito de equidade cega e indiscriminada quando fazemos jornalismo de ciência. “Se continuarmos apostando nesse senso errôneo de justiça, cairemos numa falsa equivalência em que misturamos informações factuais com mentiras e desinformação”, afirma.

Fonte: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornalismo-cientifico/dez-inquietacoes-ideias-e-tendencias-que-pintaram-na-maior-conferencia-de-jornalismo-cientifico-do-mundo/>> Acesso em ago.2019.

Proposta 3

Texto 1

“Mas não é o esquematismo gráfico que aborrece principalmente as pessoas que gostam que seus quadros pareçam "reais". Elas são ainda mais repelidas por obras que consideram incorretamente desenhadas, sobretudo quando pertencem a um período mais moderno em que o artista "tinha a obrigação de não fazer semelhantes tolices". De fato, não há mistério algum a respeito dessas distorções da natureza, sobre as quais ainda ouvimos queixas e protestos em discussões acerca da arte moderna. Quem já viu um filme de Disney ou um cartoon sabe tudo a esse respeito. Sabe que, por vezes, está certo desenhar coisas de um modo diferente do que elas se apresentam aos nossos olhos, modificá-las ou distorcê-las de uma forma ou de outra. O camundongo Mickey não se parece muito com um rato verdadeiro; no entanto, as pessoas não escrevem cartas indignadas aos jornais sobre o comprimento do apêndice caudal de Mickey. Os que penetram no mundo encantado de Disney não estão preocupados com a Arte com A maiúsculo. Não vão para seus espetáculos armados dos mesmos preconceitos com que visitam uma exposição de pintura moderna. Mas se um artista moderno desenha alguma coisa à sua maneira, está sujeito a que o considerem um trapalhão, incapaz de fazer melhor do que isso. Ora, seja o que for que pensemos sobre artistas modernos, podemos seguramente creditá-los com suficientes conhecimentos para

desenharem "corretamente". Se não o fazem, suas razões devem ser muito semelhantes às de Walt Disney. (...)

Existem duas coisas, portanto, que nos devemos perguntar sempre se achamos falhas na exatidão de um quadro. Uma é se o artista não teria suas razões para mudar a aparência daquilo que viu. Voltaremos a tratar dessas razões a medida que se desenrolar a história da arte. A outra é que nunca deveríamos condenar uma obra por estar incorretamente desenhada, a menos que tenhamos a profunda convicção de estarmos certos e o pintor errado. Somos todos propensos ao veredicto precipitado de que "as coisas não se parecem com isso". Temos o curioso hábito de pensar que a natureza deve parecer-se sempre com as imagens a que estamos acostumados. (...)

Ora, os pintores sentem, às vezes, como se estivessem empreendendo tal viagem de descoberta. Querem ver o mundo como se fosse uma novidade e rejeitar todas as noções aceitas e todos os preconceitos sobre a carne ser rosada e as maçãs amarelas ou vermelhas. Não é fácil libertarmo-nos dessas ideias preconcebidas, mas os artistas que melhor conseguem fazê-lo produzem frequentemente as obras mais excitantes. São eles quem nos ensinam a ver na natureza novas belezas de cuja existência nunca havíamos sonhado. Se os acompanharmos e aprendermos através deles, até mesmo um relance de olhos para fora de nossa própria janela poderá converter-se numa aventura emocionante. Não existe maior obstáculo à fruição de grandes obras de arte do que a nossa relutância em descartar hábitos e preconceitos.”

(E. H. Gombrich. A História da arte. Rio de Janeiro: LTC, 2015. p. 25 – 29)

Texto 2

O que a musa eterna canta

Cesse de uma vez meu vão desejo
de que o poema sirva a todas as fomes.
Um jogador de futebol chegou mesmo a declarar:
"Tenho birra de que me chamem de intelectual,
sou um homem como todos os outros".
Ah, que sabedoria, como todos os outros,
a quem bastou descobrir:
letras eu quero é pra pedir emprego,



agradecer favores,
escrever meu nome completo.
O mais são as mal-traçadas linhas.

(Adélia Prado, *Bagagem*. São Paulo: Editora Record, 2006. p. 40)

Texto 3

"A arte concebida como "substituto da vida", a arte concebida como o meio de colocar o homem em estado de equilíbrio com o meio circundante - trata-se de uma ideia que contém o reconhecimento parcial da natureza da arte e da sua necessidade. Desde que um permanente-equilíbrio entre o homem e o mundo que o circunda não pode ser previsto nem para a mais desenvolvida das sociedades, trata-se de uma ideia que sugere, também, que a arte não só é necessária e tem sido necessária, mas igualmente que a arte continuará sendo sempre necessária.

No entanto, será a arte apenas um substituto? Não expressará ela também uma relação mais profunda entre o homem e o mundo? E, naturalmente, poderá a função da arte ser resumida em uma única fórmula? Não satisfará ela diversas e variadas necessidades? E se, observando as origens da arte, chegarmos a conhecer a sua função inicial, não verificaremos também que essa função inicial se modificou e que novas funções passaram a existir?"

Ernst Fischer. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987. p. 11 e 12.

Proposta 4

Texto 1

O Homem, "Animal Cívico"

A sociedade que se formou da reunião de várias aldeias constitui a Cidade, que tem a faculdade de se bastar a si mesma, sendo organizada não apenas para conservar a existência, mas também para buscar o bem-estar. Esta sociedade, portanto, também está nos desígnios da natureza, como todas as outras que são seus elementos. Ora, a natureza de cada coisa é precisamente seu fim. Assim, quando um ser é perfeito, de qualquer espécie que ele seja - homem, cavalo, família -, dizemos que ele está na natureza. Além disso, a coisa que, pela mesma razão, ultrapassa as outras



e se aproxima mais do objetivo proposto deve ser considerada a melhor. Bastar-se a si mesma é uma meta a que tende toda a produção da natureza e é também o mais perfeito estado. É, portanto, evidente que toda Cidade está na natureza e que o homem é naturalmente feito para a sociedade política. Aquele que, por sua natureza e não por obra do acaso, existisse sem nenhuma pátria seria um indivíduo detestável, muito acima ou muito abaixo do homem, segundo Homero:

Um ser sem lar, sem família e sem leis.

Aquele que fosse assim por natureza só respiraria a guerra, não sendo detido por nenhum freio e, como uma ave de rapina, estaria sempre pronto para cair sobre os outros.

Assim, o homem é um animal cívico, mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos. A natureza, que nada faz em vão, concedeu apenas a ele o dom da palavra, que não devemos confundir com os sons da voz. Estes são apenas a expressão de sensações agradáveis ou desagradáveis, de que os outros animais são, como nós, capazes. A natureza deu-lhes um órgão limitado a este único efeito; nós, porém, temos a mais, senão o conhecimento desenvolvido, pelo menos o sentimento obscuro do bem e do mal, do útil e do nocivo, do justo e do injusto, objetos para a manifestação dos quais nos foi principalmente dado o órgão da fala. Este comércio da palavra é o laço de toda sociedade doméstica e civil.

O Estado, ou sociedade política, é até mesmo o primeiro objeto a que se propôs a natureza'. O todo existe necessariamente antes da parte. As sociedades domésticas e os indivíduos não são senão as partes integrantes da Cidade, todas subordinadas ao corpo inteiro, todas distintas por seus poderes e suas funções, e todas inúteis quando desarticuladas, semelhantes às mãos e aos pés que, uma vez separados do corpo, só conservam o nome e a aparência, sem a realidade, como uma mão de pedra. O mesmo ocorre com os membros da Cidade: nenhum pode bastar-se a si mesmo. Aquele que não precisa dos outros homens, ou não pode resolver-se a ficar com eles, ou é um deus, ou um bruto. Assim, a inclinação natural leva os homens a este gênero de sociedade.

O primeiro que a instituiu trouxe-lhe o maior dos bens. Mas, assim como o homem civilizado é o melhor de todos os animais, aquele que não conhece nem justiça nem leis é o pior de todos. Não há nada, sobretudo, de mais intolerável do que a injustiça armada. Por si mesmas, as armas e a força são indiferentes ao bem e ao mal: é o princípio motor que qualifica seu uso. Servir-se delas sem nenhum direito e unicamente para saciar suas paixões rapaces ou lúbricas é atrocidade e perfídia.

Seu uso só é lícito para a justiça. O discernimento e o respeito ao direito formam a base da vida social e os juízes são seus primeiros órgãos.

(Fragmento de A política, Aristóteles)

Disponível em: < http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_aristoteles_a_politica.pdf > Acesso em 20 Mar. 2019.

Texto 2

“Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Motos e fuscas avançam os sinais vermelhos
E perdem os verdes
Somos uns boçais”

(Fragmento de Podres Poderes, Caetano Veloso)

Texto 3

Qual a diferença entre um cientista político e um comentarista bem informado, ou mesmo em relação a intelectuais de outras áreas, como a filosofia, a economia e a antropologia, que também pensam política?

JAIRO NICOLAU: A ciência política é uma disciplina que se define pelo tema, mais do que por um método. Por isso, provavelmente, ela é a mais pluralista, entre as disciplinas de ciências sociais.

A política é mesmo um território de pesquisa de colegas de áreas próximas como sociologia, economia, filosofia, psicologia e história. E, a rigor, não diria que existe nenhum tema da política que seja território da ciência política. O que a ciência política tem de melhor é um acúmulo de pesquisas, e teorias que são permanentemente testadas.

A imprensa acredita que a opinião de cientistas políticos tem uma aura de “cientificidade”, o que, na maioria dos casos, não tem procedência. Se um jornalista me pergunta, por exemplo, qual é o efeito do apoio do [vereador Andrea] Matarazzo à campanha da [candidata à prefeita de São Paulo] Marta [Suplicy] e eu respondo, é que tem algo errado. A resposta é quase sempre uma mera opinião. Mas os jornalistas acham que vinda de um cientista político a opinião parece ser mais científica. O ideal é que os cientistas políticos fossem convidados a falar de temas que eles pesquisam e têm dados. Mas não acontece sempre.



WAGNER PRALON MANCUSO: A ciência política tem várias subáreas, tais como teoria política, política brasileira, política comparada, políticas públicas, relações internacionais etc. O cientista político usualmente é especialista em alguma dessas subáreas, tendo dedicado anos de estudo a ela (iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado). Então, uma característica esperada do bom cientista político é conhecer sua área a fundo.

Cada subárea da ciência política tem suas teorias e seus métodos e técnicas de investigação, que o cientista político deve conhecer e dominar. Daí viria outra característica esperada do bom cientista político: capacidade de estudar seu objeto de forma rigorosa, com base em teorias sólidas e abordagens empíricas bem desenhadas.

A produção da ciência política é apresentada em anais de encontros, em livros e em revistas, tanto nacionais quanto internacionais. Os melhores encontros, livros e revistas possuem um processo seletivo rigoroso, feito por pares, geralmente de forma anônima. O bom cientista político apresenta os resultados de suas pesquisas em encontros, livros e revistas de qualidade. Espera-se que isso assegure, em alguma medida, o alto nível dos trabalhos publicados. Portanto, uma terceira característica esperada do bom cientista político é a capacidade de produzir conhecimento que seja publicável em espaços respeitáveis, mediante concordância dos pares, após avaliação rigorosa.

Em síntese, pode-se dizer que o bom cientista político tem grande familiaridade com seu objeto de pesquisa, investiga esse objeto de forma teoricamente informada e metodologicamente rigorosa, e publica os resultados de sua investigação em lugares sérios, mediante análise prévia dos pares. Isso garantiria a qualidade dos aportes que faz aos debates sobre questões políticas.

(Fragmento da entrevista de Jairo Nicolau e Wagner Pralon Mancuso ao Nexo Jornal, 24/08/2016)

Fonte: Disponível em < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/08/24/O-que-h%C3%A1-de-ci%C3%A2ncia-na-ci%C3%A2ncia-pol%C3%ADtica> > Acesso em 20 Mar. 2019

Texto 4

Para o professor e pesquisador Rafael Tadashi, mesmo o meme que carrega desinformação ou mensagens que incitam posturas de ódio "é político e ativista, da mesma forma que tivemos propagandas nazistas". Isso nem sempre fica evidente porque o "design é [visto como] uma qualidade, adjetivo. Esse é um debate antigo na área", diz ele.



O historiador Rafael Cardoso acredita não se tratar exatamente de uma batalha estética. "Talvez seja um pouco o contrário: a desqualificação de qualquer valor estético ou ético, o esvaziamento do objeto de design, de comunicação, até virar abjeto. O enunciado como degradação da linguagem. As fake news são isso: a deformação da informação até virar desinformação da informação até virar desinformação, ou seja, lixo. Será que o lixo pode ser ou ter design? Por um lado, acho que não, porque design é um processo de atribuir significado, sentido. O lixo, ao contrário, é a matéria esvaziada de qualquer significado. São polos opostos. Por outro lado, quando vamos avaliar historicamente as peças de propaganda geradas pelos regimes mais sórdidos, sempre há algumas que se salvam como enunciado artístico. O caso emblemático é o 'Triunfo da Vontade', de Leni Riefenstahl, que consegue ser um bom filme muito embora a serviço de uma causa hedionda como o nazismo", pontua.

Para ambos, o design que se propõe gerador de reflexão está enfrentando, hoje, a dificuldade de uma guerra de informação onde vence quem joga mais sujo. Algo parecido quando pensamos na comunicação de modo mais amplo. "O que vemos é uma pulverização completa de meios, mídias, linguagens, atores", diz Rafael Cardoso. "Me parece que tem que ser pensado melhor como atingir o outro", acredita Tadashi.

(Fragmento de De cartazes a memes, como o design interpreta o caos político e social, TAB, 23/11/2018)

Fonte: Disponível em < <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2018/11/23/a-guerra-cultural-tambem-e-estetica.htm> > Acesso em 20 Mar. 2019.

Proposta 5

Em 2019, o Brasil assistiu a dois casos de violência chocantes: do dia 13 de março, ocorreu na cidade de Suzano um ataque perpetrado por ex-alunos à sua antiga escola. Além de matarem 5 estudantes e duas funcionárias, os dois atiradores também não sobreviveram: um assassinou o outro e depois tirou a própria vida. Já no dia 2 de agosto, um homem fez passageiros de um ônibus reféns na Ponte Rio-Niterói. Ele acabou sendo morto por atiradores de elite da Polícia Militar.

A partir da leitura dos excertos e da charge apresentados a seguir, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa. Os textos poderão servir como subsídios para a sua argumentação, mas não devem ser integralmente copiados.



Texto 1

Os autores do atentado que matou oito pessoas (entre elas, cinco adolescentes) em uma escola em Suzano, na Grande São Paulo, estão sendo investigados por uma possível ligação com um grupo virtual no qual mensagens de ódio são espalhadas e crimes violentos são prometidos constantemente. Os chamados “chans”, fóruns virtuais muitas vezes situados na deep web – uma parte da internet só acessível com ferramentas específicas que dão anonimidade aos usuários – entraram na mira da Polícia Federal e do Ministério Público após os assassinatos.

Trata-se de uma faceta dos crimes de ódio pouco conhecida do público, mas já investigada pelas autoridades há algum tempo, afirma Pablo Ortellado, doutor em filosofia, professor do curso de Gestão de Políticas Públicas na USP e coordenador do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação, que monitora o fluxo de usuários na internet em relação a conteúdos políticos. Esses fóruns virtuais, diz, não são sempre espaços de propagação de ódio, mas em muitos casos são criados com esse fim, com uma “cultura de misoginia, racismo, discriminação que são movidas pela frustração”.

Fonte: <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/03/chans-o-que-se-sabe-sobre-os-canais-que-espalham-odio-pela-internet-e-comemoraram-o-atentado-em-suzano.html>> Acesso em nov.2019

Texto 2

Em menos de uma quinzena, a sociedade brasileira assistiu boquiaberta a dois graves atos de indisciplina em salas de aula. Em uma escola pública da cidade de Carapicuíba – SP, estudantes de uma turma hostilizaram uma professora arremessando-lhe livros e vandalizaram a sala de aula quebrando carteiras. Na escola particular da próspera cidade de Simões Filho, no interior da Bahia, alguns estudantes humilharam um professor veterano e o chamaram de fedorento, como se pode ver na gravação que os próprios fizeram.

(...)

Sem qualquer pretensão de passar a mão na cabeça de qualquer estudante indisciplinado ou postergar a necessidade imediata de diminuir os indicadores de violência nas escolas brasileiras, sou de opinião ser urgente à sociedade discutir o tipo de escolas públicas e particulares que temos e que sonha ter, a atual percepção social dos professores, a baixa remuneração de todos os profissionais



de educação, a adequação das instalações escolares e o aparelhamento didático-pedagógico delas para a realização de processos de ensino de tempo integral.

Fonte: Adaptado de <<http://www.justificando.com/2019/06/13/o-que-a-violencia-escolar-diz-sobre-nos/>> Acesso em nov. 2019.

Texto 3

De acordo com os dados do Atlas da Violência de 2017 organizado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), entre 2011 e 2015 houve cerca de 280 mil homicídios no Brasil (55 a 65 mil vítimas por ano), quantidade de mortos semelhante à da guerra da Síria no mesmo período. O 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública lançado pela FBSP na terça-feira, 30 de outubro, mostra que 2016 foi o ano mais violento deste século: quase 62 mil mortos em homicídios e latrocínios.

(...)

A juventude é o alvo principal: a idade média das vítimas de homicídio caiu de 25 para 21 anos de 2005 para 2015. Mais de 318 mil jovens entre 15 e 29 anos foram assassinados entre 2005 e 2015, de forma que a taxa de homicídio tenha sido de 61 a cada 100 mil jovens brasileiros em 2015. Quase a metade dos óbitos de pessoas de 15 a 24 anos no Brasil são causadas por homicídios. E 92,5% dos jovens assassinados de 15 a 29 anos são homens, de forma que 113,6 em cada 100 mil homens brasileiros foram assassinados em 2015. A taxa de homicídios é bastante desigual regionalmente, tendo sido o Nordeste a região mais violenta: em uma década a taxa de homicídios cresceu de 25 para 40 a cada 100 mil.

Fonte: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/573362-desigualdade-e-preconceito-perpetrados-pela-sociedade-e-pelo-estado>> Acesso em nov. 2019.



Considerações finais

Após terminar sua redação, não esqueça de encaminhar para o nosso e-mail, redacao@estrategiamilitares.com.br para que possamos corrigi-la.

Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Bons estudos!

Prof.^a Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão	Data	Modificações
1	04/12/2019	Primeira versão do texto.

